

# Réquiem Para a Tchecoslováquia

Uma pungente visão do que aconteceu desde aquela sinistra noite de agosto, em 1968, quando os tanques soviéticos começaram a rolar através da fronteira tcheca

GEORGE FEIFER

**E**RA UMA NOITE sufocante no verão passado em Bratislava, cidade universitária no sul da Tchecoslováquia. Eu caminhava com amigos na direção do Danúbio em busca de ar. Quando passávamos pela ponte meio arruinada por onde rolaram os tanques soviéticos em agosto de 1968, a conversa desviou-se, como não podia deixar de ser, para a invasão. Meus amigos lembravam-se com precisão de onde estavam e do que faziam quando desabou a calamidade.

“Eu acabava de sair de uma adega

---

GEORGE FEIFER, americano de nascimento, graduado pela Universidade de Harvard e pelo Instituto Russo da Universidade de Colúmbia, vive em Londres e tem viajado muito atrás da Cortina de Ferro. É o autor de *Justice in Moscow*.

de vinhos”, disse um jovem professor. “De repente vi dois tanques avançando estrepitosamente pela rua. Corri para casa e acordei minha mulher.

“Levante-se”, disse-lhe eu. “Os russos estão nos invadindo. ‘Venha para a cama’, replicou ela. ‘Você está bêbedo outra vez.’”

Essa espécie de humor negro ocorre freqüentemente nas histórias daquela noite. Mistura-se a relatos de bravura e esperteza em enganar os russos durante os primeiros dias da invasão. Um jovem diretor de televisão conta satisfeito sua façanha depois de ser interrogado pelo comandante de um grupo soviético de tanques sobre a direção a seguir. Orientou-os para um pântano, onde jura que eles estão atolados até hoje.



Mas essas reminiscências têm um caráter evidentemente escapista. A Tchecoslováquia de hoje é na realidade um país ocupado, dirigido por um govêrno títere, cujo poder e “legitimidade” derivam unicamente dos tanques soviéticos. Só uma minguada parcela da população—talvez dois ou três por cento—aprova o atual regime neo-stalinista. Depois do grande impulso pela liberdade de há dois anos, o moral do povo tchecoslovaco voltou a ser melancolicamente baixo, e o desinterêsse pela política é novamente elevado.

“Posso resumir em três palavras o que meus amigos e eu pensamos sobre o futuro”, diz um ex-jornalista. “*Nada de bom*. Parece um tanto dramático, eu sei. Mas, acredite, estamos outra vez debaixo do tacão de ferro dos soviéticos. E não conseguiremos esgueirar-nos para fora dêle senão daqui a muitos e muitos anos, talvez décadas.”

“Realisticamente falando, não há esperança de salvação à vista em muitos anos”, diz outro ex-jornalista. “O máximo que podemos esperar é uma melhora gradual; mas as coisas vão piorar mais antes de melhorarem. Ainda não chegamos ao fundo.”

A União Soviética é sem dúvida a chave do futuro da Tchecoslováquia. Invadiu-a; domina-a; continuará como uma ditadura pesada e atrasada, afundando consigo a Tchecoslováquia. Há, no momento, uma reduzidíssima margem para o otimismo quanto à perspectiva de democracia na Tchecoslováquia.

**Tempo de Hibernar.** O que o povo quer básicamente, agora, segundo os tchecos que ainda pretendem de alguma forma continuar lutando pelo que lutaram em 1968, não é a democracia, nem a verdade, nem mesmo a liberdade. Tudo o que êle almeja é viver em paz e num modesto grau de confôrto humano. Significa isto, acima de tudo: uma pequena casa e uma motocicleta; férias de duas a quatro semanas no Mar Negro ou em algum outro balneário de um país oriental; emprêgo seguro que garanta um salário razoável com o mínimo de trabalho e uma oportunidade de “ganhos” suplementares—pequenos subornos dentro da enorme burocracia estatal e pequenos furtos nas linhas de produção e nos depósitos das fábricas.

O govêrno procura com muita diligência assegurar que essas necessidades básicas sejam satisfeitas. Há, por exemplo, empréstimos substanciais para a construção de casas particulares—ao menos para quem seja politicamente “limpo”. E a segurança no emprêgo—juntamente com uma oportunidade de cochilar ou escamotear alguma coisa—é um dos fatos mais importantes da vida sob o socialismo. A economia está claudicante e o padrão de vida é baixo. Há filas desalentadoras para a compra de alimentos e dos mais simples artigos de consumo. Mas *há* segurança e a certeza de uma pensão.

Até os estudantes emudeceram. Em 1968 êles eram uma fonte de esperança, determinação, energia e in-



teligência. Agora estão desorganizados e desmoralizados.

“Derrotados” é a palavra exata, diz um rapaz que espera uma garôta num café. “Neste país a gente aprende ainda muito jovem sôbre a ocupação estrangeira e a inutilidade de enfrentá-la.”

“Não é verdade que estejamos totalmente apáticos”, diz outro estudante. “O que acontece simplesmente é que nos sentimos desamparados e desesperançados. Hoje em dia um estudante protesta contra alguma coisa, é expulso de sua universidade e acaba como trabalhador braçal. Não temos possibilidade de expressar coisa alguma contra o regime ou os russos, de modo que nem o tentamos. O tempo é de hibernar.”

As maiores vítimas da invasão são os jornalistas, os professôres universitários, os trabalhadores do Partido e funcionários do govêrno que se destacaram no movimento liderado por Dubcek e que agora perderam suas carteiras do Partido e seus empregos. Êles estão profundamente deprimidos. Muitos, também, amedrontados. Fala-se muito numa série de julgamentos—o comêço de uma nova e violenta onda de repressão. “Um amigo meu que trabalha há oito anos no Ministério da Justiça”, conta um jornalista, “informa que numerosos processos estão sendo montados neste minuto mesmo.” Algumas pessoas já foram encarceradas na base de uma sinistra “lei de exceção”, que permite a perseguição retroativa por opiniões emitidas até dois anos antes.

Os liberais não só foram expulsos em massa do Partido, mas foram também despedidos de seus empregos. Só com muita dificuldade encontram novos empregos, quando os encontram. Um professor de reputação mundial é motorneiro de bonde. Um ex-diretor de filmes de televisão é condutor. Outro conceituado professor universitário vende bilhetes de loteria na rua—e sente-se feliz com isso, porque andou meses à procura dessa oportunidade. “O objetivo dêles é fazer-nos sofrer”, diz um destacado ex-engenheiro, “e nós sofremos. Talvez o senhor compreenda o que é para um homem de minha idade ter família e estar desempregado.”

**O Exército Invisível.** A ocupação pelo Exército soviético é sentida, mas raramente vista. Os poucos soldados russos que deixam suas bases por questão de serviço são extremamente cautelosos—sem dúvida porque estão sob constante vigilância e sabem que o menor passo em falso lhes pode valer uma severa punição. Tudo isto, no entanto, é enganador. “Por favor, não se iluda”, pede um ex-funcionário do Partido que se destacou na resistência. “Vivemos em todo sentido num país ocupado. Psicologicamente, é pior do que se os russos estivessem patrulhando as ruas.”

Embora não estejam em evidência, as tropas soviéticas se encontram a uma distância que lhes permite golpear rapidamente. Ocupam um cinturão de território aproximadamente a 150 km de Bratislava—uma linha



que atravessa a maior parte da Eslováquia (parte oriental da Tchecoslováquia) do norte para o sul (como a Hungria, logo abaixo, é também cortada ao meio por tropas soviéticas). Uma das maiores bases dessa linha situa-se logo ao sul da cidade medieval de Banská Bystrica, cêrca de 200 km a nordeste de Bratislava. Consiste num aeroporto e num acampamento militar que estão sendo permanentemente ampliados e melhorados, no sopé das Montanhas Tatra.

Jatos MIG estão constantemente arrancando das pistas de pouso e roncando por cima da cidade. A base é enfeitada com os habituais slogans soviéticos—REFORCEM A DISCIPLINA! GLÓRIA AO PARTIDO COMUNISTA! VIVA A AMIZADE TCHECO-SOVIÉTICA!—e com centenas de retratos coloridos de Lenine. Soldados soviéticos limpam fuzis, consertam caminhões e constroem novos alojamentos. Suas cabeças são quase completamente raspadas e êles têm um ar evidentemente infeliz debaixo do sol inclemente e metidos em suas botas pesadas. Quase todos são muito jovens—adolescentes simplórios de olhar incerto, com aquêles ar inconfundível de rudes aldeões russos.

Por mais que detestem a ocupação, muitos tchecos sentem simpatia e até pena dos soldados russos. Ivã vive infinitamente pior que qualquer tcheco, dizem êles. Com um salário mensal equivalente a algo entre 15 e 25 cruzeiros, seu padrão já é miserável na Rússia. Na Tchecoslováquia, é uma vida de cão.

Calcula-se que uns 20.000 soldados soviéticos, com o correspondente armamento blindado, se acham atualmente estacionados na Tchecoslováquia e que a Fôrça Aérea Tcheca cedeu pelo menos três bases aéreas vitais para serem usadas pelos russos. Ninguém, entretanto, conhece o número exato da tropa de ocupação soviética, pois um dos artigos não divulgados do Pacto de Moscou de 1968 estabelece que a Tchecoslováquia não deve ter contrôle de sua própria fronteira com respeito à União Soviética. Em outras palavras, os tanques, caminhões e soldados soviéticos entram à vontade no país—como se êste fôsse uma extensão do território soviético.

Pior ainda, o mesmo ocorre com os agentes políticos soviéticos. “O que acontece”, diz um historiador universitário, “é nada mais nada menos que a sovietação da nossa vida política. ‘Consultores’ russos têm penetrado aberta ou secretamente na Tchecoslováquia, às centenas, e agora supervisionam todos os escalões do Partido e o govêrno. Estão decididos a tornar a nossa vida tão ortodoxa e rígida como a da União Soviética. E na ausência de oposição—ou mesmo de resistência séria—êles estão, naturalmente, conseguindo êxito.”

Mais do que qualquer outra coisa, é esta “sovietação” dos órgãos do Partido e do govêrno de seu país que horroriza e apavora os tchecos. Alguns acham que dentro em breve virão tempos piores do que os do



“stalinismo” da década de 50. “Nos anos 50, embora fôsse péssima a situação, sempre havia algum debate e uma amostra de verdadeira vida política”, diz um engenheiro. “Agora nem isto. Nos anos 50, por piores que fôssem os crimes e a repressão, os responsáveis eram quase todos tchecoslovacos. Agora tudo o que é importante aparece diretamente como imposição dos russos—e a oposição é impotente.”

**A Não-Pessoa Número 1.** Se tudo isto é desalentador para o povo, provavelmente mais constrangedor será para o líder expulso do Partido, Alexander Dubcek, cuja política de “socialismo democrático” deu motivo à invasão soviética. Chamado de volta, em meados de 1970, de seu posto de Embaixador na Turquia, para onde fôra mandado após sua queda do poder, Dubcek evita hoje contato com os seus mais íntimos amigos e com os velhos camaradas do Partido de sua maior confiança. A maior parte do tempo êle passa em sua modesta casa de Bratislava, onde os únicos sinais de vida são as janelas abertas durante o dia e as luzes acesas à noite. Sua principal ocupação é a jardinagem. À noite costuma sentar-se nos degraus da entrada da casa para gozar o ar fresco. Êle conversa com as crianças da vizinhança, mas escolhe um momento em que a rua pareça vazia de adultos para passear com o seu cachorro.

A maioria dos amigos de Dubcek estão convencidos de que êle evita as pessoas porque o Comitê Central

assim ordenou, e que decidiu evitar um perigo desnecessário tanto para os amigos como para si mesmo. Todo mundo toma como certo que êle é estreitamente vigiado por oficiais da polícia de segurança tcheca e pelo KGB soviético.

Dubcek é ainda um leal comunista. “Êle ainda acredita no Partido, na classe operária, na construção do comunismo”, revela um dos seus amigos mais íntimos. “Não me pergunte o que significam essas abstrações. Nem sei se êle próprio o sabe. Êle apenas tem fé em que grandes progressos para a humanidade serão obtidos, seja como fôr, graças a uma espécie de marxismo-leninismo místico.”

“Na Tchecoslováquia”, diz um professor de literatura, “todo mundo com um mínimo de percepção sabe que o Partido Comunista não passa hoje em dia de uma malta de criminosos—uma quadrilha, pura e simples, que governa pela fôrça, pelo terror, pela intimidação. Não creio que Dubcek possa compreender isto. É o que o torna uma figura histórica tão trágica.”

**Uma Nota de Pé-de-Página.** Oficialmente, Dubcek ainda é um funcionário do Ministério de Relações Exteriores, mas apenas por tempo limitado. Logo terá de encontrar trabalho. Na Tchecoslováquia, como na maioria dos países socialistas, uma pessoa desempregada está sujeita a perseguição como “parasita”. Ademais, Dubcek tem de manter sua família. Sabe-se que êle gostaria de



voltar à sua antiga profissão de operário metalúrgico; mas é pouco provável que isso lhe seja consentido. O Comitê Central determinou tranquilamente que jamais lhe seja dado um trabalho onde êle possa estar em contato com um grande número de pessoas. Um emprêgo em fábrica, portanto, é improvável.

Às vêzes Dubcek vai fazer compras perto de sua casa em Bratislava. Muitos vizinhos que o reconhecem guardam distância dêle para "dar ao pobre coitado algum sossêgo". Outras vêzes, porém, quebra-se o encanto e êle é cercado por pessoas que o aplaudem, gritam-lhe palavras de estímulo e se comprimem para apertar-lhe a mão. Dubcek, invariavelmente, murmura uma desculpa e trata de escapular, evidentemente aflito com a reação que provoca e com o desamparo de sua posição.

Dubcek não mudou de opinião sobre a substância da "primavera de Praga". É do conhecimento geral que, ao ser chamado de volta da Turquia, êle se recusou a renegar qualquer das suas crenças ou fazer qualquer confissão de culpa, embora sofresse uma pressão tão violenta que precisou recorrer a drogas para evitar um colapso. É também do conhecimento geral que sua expulsão do Partido Comunista, depois de 31 anos de militância, foi um tremendo

golpe pessoal. Contudo, embora uma simples frase de apoio à intervenção soviética bastasse para salvá-lo da expulsão, êle a recusou. Escreveu, ao contrário, um memorando de 47 páginas ao Comitê Central, defendendo sua política, suas ações e seu comportamento em grande detalhe. Diz-se que êsse documento representa Dubcek em sua melhor forma: uma modesta, paciente, mas firme sustentação de tudo aquilo que a "primavera de Praga" defendia, juntamente com a declaração de que o socialismo marxista está em perigo de desaparecer a não ser que seja rapidamente revivido pela democracia e pelo humanismo.

Em 1968, os padeiros tchecos começaram a fabricar um pão em forma de meia-lua a que deram o nome de "Dubcek" em honra do seu herói. Continua sendo chamado assim, não se sabe por quanto tempo. "Um escritor russo", confia um jovem engenheiro, "conta a história de um homem que morre sem deixar na terra nenhum vestígio de sua existência. Tenho a impressão de que o mesmo vai acontecer com Dubcek. Vão fazer com que êle desapareça inteiramente como fôrça política. Algum dia será uma simples nota de pé-de-página na história da Europa. Ninguém melhor para simbolizar a história da Tchecoslováquia."



"QUEM não tem filhos", me disse um japonês, "não conhece o *oh!* das coisas."

—Nikos Kazantzakis, *Japan, China* (Simon and Schuster, ed.)